



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

DEL GOBO, Juliano; VOLPI, José Henrique. A Psicologia Corporal no campo da Psicologia: percepções de profissionais e estudantes sobre abordagens corporais na Psicologia. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

A PSICOLOGIA CORPORAL NO CAMPO DA PSICOLOGIA: PERCEPÇÕES DE PROFISSIONAIS E ESTUDANTES SOBRE ABORDAGENS CORPORAIS NA PSICOLOGIA

Juliano Del Gobo
José Henrique Volpi

RESUMO

A Psicologia Corporal constitui-se como um modelo conceitual no campo do conhecimento psicológico e foi desenvolvido a partir de teorias, práticas, métodos de investigação e intervenção sobre os organismos que trazem em comum o objetivo de estudar as manifestações comportamentais e energéticas da mente sobre o corpo e do corpo sobre a mente. O presente artigo tem como interesse problematizar a posição da Psicologia Corporal no conjunto de outras teorias e práticas estabelecidas e distribuídas em uma diversidade teórica e epistemológica – o campo da Psicologia.

Palavras-chave: Psicologia Corporal. Práticas não convencionais. Noção de Campo.

INTRODUÇÃO

Os historiadores das Ciências, Thomas Kuhn (2011) e Karl Popper (1975), se vivos, defenderiam a reflexão epistemológica como tarefa permanente e urgente na Psicologia e nas demais ciências. Estes autores evidenciaram, respectivamente, as disputas internas presentes no campo científico e os critérios de cientificidade a que toda Ciência deveria estar submetida: o verificacionismo e a falsificabilidade. O aprimoramento contínuo e a própria superação seriam assim, condições inerentes à própria natureza do conhecimento científico, assim como o são os embates políticos que colocam ou superam obstáculos teóricos e práticos em diferentes contextos históricos. A história da Psicologia Corporal destaca a trajetória pioneira de Wilhelm Reich e sua intensa trajetória científica e política que, conforme Albertini (2011, p. 160), “[...] amarrou vida e obra num só projeto e percorreu um itinerário marcado pelo engajamento em propostas de intervenção social”. Talvez Reich tenha sido um dos arquitetos da Psicologia que mais intensamente viveram o tensionamento nos campos da Ciência e da Psicologia.

A trajetória de vida de Reich foi vencida por caminhos pouco ortodoxos. No entanto, foi acompanhada de um espírito científico vibrante, que permitiu que se desenvolvesse um tipo de percepção singular sobre a relação somato-psíquica-dinâmica e do funcionamento energético do organismo, que o permitiram elaborar suas próprias teorias e métodos terapêuticos. A partir



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

DEL GOBO, Juliano; VOLPI, José Henrique. A Psicologia Corporal no campo da Psicologia: percepções de profissionais e estudantes sobre abordagens corporais na Psicologia. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

de Reich, surgiram outros autores com diferentes formas de abordar as manifestações comportamentais e energéticas da mente e do corpo (VOLPI; VOLPI, 2002).

O conceito de campo que inspira esse trabalho foi desenvolvido por Bourdieu (2011) e se refere ao espaço abstrato onde está disposta uma diversidade de sujeitos, com interesses específicos e em condições mais ou menos favoráveis de influenciar e determinar as características do campo. O campo, segundo o autor, é um espaço de relação de forças entre os diferentes agentes e instituições “[...] que produzem, reproduzem e difundem uma determinada construção humana” (BOURDIEU, 2004, p. 20); uma lógica própria se apresenta a partir de dois princípios de diferenciação: o capital econômico e o capital cultural. Quanto mais afins os sujeitos e/ou grupos estejam pelo capital econômico e/ou cultural, mais unidos estão; logo, quanto mais distantes, mais se repelem (BOURDIEU, 2011).

O presente artigo trata das práticas psicológicas, mais precisamente a diversidade delas no interior de seu campo. Para tanto, busca discutir a posição da Psicologia Corporal no campo da Psicologia e descrever aspectos teóricos e metodológicos das abordagens corporais. Trata-se de empreender um levantamento bibliográfico de conceitos, descrição de técnicas e métodos utilizadas em diferentes abordagens da Psicologia Corporal e discutir sua presença nesse campo. Na direção desses objetivos, discute-se sua formação e apresenta-se alguns aspectos conceituais e práticos que caracterizam a Psicologia Corporal. No primeiro item deste trabalho alguns aspectos históricos da constituição da Psicologia como Ciência serão apresentados e no item dois, alguns aspectos constitutivos do campo da Psicologia Corporal.

O CAMPO DA PSICOLOGIA

As Ciências Humanas e Sociais, dentre elas a Psicologia, surgiram inspiradas pelo modelo das Ciências Naturais e baseadas especialmente no paradigma positivista, que procurava estabelecer leis gerais e não se preocupava com as diferenças individuais e dos problemas práticos. No esforço da Psicologia alcançar o status de Ciência foi necessário delimitar o seu objeto de estudo e desenvolver métodos para conhecê-lo e investigá-lo; de um lado, aproximou-se da Biologia e da Fisiologia, e de outro, da Filosofia e da Sociologia. Nesse encontro, o marco científico da Psicologia foi alcançado com Wilhelm Wundt (1864) e com o início das atividades do Laboratório de Psicologia Experimental, em Leipzig, Alemanha. Nesse caminho, o objeto definido para a Psicologia foi a consciência, sobre o qual teria como objetivo descobrir os elementos que compõe a mente e como eles se estruturam. Essa abordagem deu



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

DEL GOBO, Juliano; VOLPI, José Henrique. A Psicologia Corporal no campo da Psicologia: percepções de profissionais e estudantes sobre abordagens corporais na Psicologia. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

origem ao Estruturalismo. A partir de então, a Psicologia foi reconhecida como campo de estudo dos processos mentais através de métodos experimentais e quantitativos, tornou-se uma Ciência autônoma e experimental, desapontando as previsões de que ela estaria fadada a uma área secundária, ligada ora a Biologia, ora ligada à Sociologia e a História (KAHHALE, 2002).

Cabe destacar que junto com esse movimento desencadeado em Leipzig que elevou a Psicologia ao status científico existiram outras escolas inseridas no mesmo cenário de discussão, porém com abordagens diferentes, entre elas o Funcionalismo e o Associacionismo. De outras influências e caminhos empíricos diversos surgiram ainda no início do século XX, a Psicanálise, o Behaviorismo, a Gestalt e a Fenomenologia, reconhecidas como as escolas clássicas da Psicologia (FREIRE, 2001).

Na segunda metade do Século XX, as escolas perderam força como centro de estudos teóricos e vários caminhos de pesquisas foram abertos, com abertura e democratização do seu sistema global (FREIRE, 2001). Desse processo foi-se constituindo um campo diversificado, formado por vários microssistemas de conhecimento, “[...] relativamente independentes, cada qual com suas crenças, seus métodos, seus objetivos, seus estilos, suas linguagens e suas histórias particulares” (FIGUEIREDO, 2015, p. 17). A esse conjunto de teorias e práticas estabelecidas e distribuídas em uma diversidade teórica e epistemológica que vimos nos referindo como o campo da Psicologia. Resta indicar que esse campo ao ser ocupado “[...] não deu lugar à formação de um continente, mas sim de um arquipélago conceitual e tecnológico. Ou seja, não se trata de um território uno e integrado, embora também não sejam ilhas totalmente avulsas e desconectadas” (FIGUEIREDO, 2013, p. 17).

Mas várias vezes é mais fácil, por exemplo, um psicólogo experimentalista que trabalha em laboratórios com animais, tais como rato e o pombo, entender-se com um biólogo do que com um psicólogo social que estuda o homem em sociedade. Este, por sua vez, poderá ter diálogo mais fácil com antropólogos e linguistas do que com muitos psicólogos que foram seus colegas na faculdade e que hoje se dedicam à clínica psicoterápica. E, quando o psicólogo se põe a estudar temas como pensamento e solução de problemas, ele inevitavelmente se aproxima da filosofia e, em particular, da teoria do conhecimento. (FIGUEIREDO, 2013, p.16).

Ao trazer esses fragmentos históricos acerca da constituição do campo das práticas psicológicas fica a impressão de um campo aberto e permissivo, no entanto, as relações tem apontado para outras problemáticas. Por exemplo, Spink (2007), ao analisar as reações despertadas em parte do campo da Psicologia brasileira diante da assimilação de práticas



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

DEL GOBO, Juliano; VOLPI, José Henrique. A Psicologia Corporal no campo da Psicologia: percepções de profissionais e estudantes sobre abordagens corporais na Psicologia. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

baseadas em paradigmas vitalistas, questionou-se sobre o porquê de algumas teorias e práticas não terem reconhecimento oficial. Mais especificamente, pode-se observar que mesmo em abordagens bastante originais sobre o campo da psicologia como a feita por Figueiredo (2014), por meio das matrizes do pensamento psicológico¹, constam algumas pré-concepções sobre algumas abordagens, entre elas as abordagens corporais. Nessa obra, Figueiredo classificou a obra de Reich, Lowen e outras abordagens da Psicologia Corporal na matriz vitalista e naturalista, inseridas na matriz romântica e pós romântica. Na compreensão desse autor, essa matriz é caracterizada por tomar partido pela “vida” em desfavor da “razão”, deixando o rigor científico e a inteligência conceitual de lado para assumir uma posição maior de intuição em direção da apreensão imediata da natureza das coisas, pelo entregar-se e fundir-se sem intermediários ao fluxo do *élan vital* (FIGUEIREDO, 2014).

Sobre esse tema, destaca-se, no aspecto operativo, diferenças entre o reconhecimento, conhecimento e a regulamentação de práticas no âmbito da Psicologia; no aspecto político, representações comuns de que os Conselhos de Psicologia comumente se utilizam e a partir das quais, se dissemina representações na categoria profissional sobre práticas reconhecidas e aceitas. Da mesma forma, no aspecto concreto, existem intervenções junto a profissionais que atuam com práticas não conhecidas ou de bases epistemológicas diferentes das hegemônicas; no aspecto epistemológico, a construção do campo da Psicologia brasileira muito mais baseado em acordos intersubjetivos do que critérios claros e definidos de cientificidade (DEL GOBO, 2016).

E nessa direção é necessário situar que além de um campo científico, a Psicologia é um campo de profissional, instituída no Brasil pela Lei 4.119/62, e que essas duas instituições se influenciam continuamente, na conhecida expressão, Psicologia: Ciência e Profissão. Esta expressão brasileira indica um campo localizado no encontro da Ciência psicológica, historicamente constituída desde o final do século XIX e em contínuo desenvolvimento, e a profissão de Psicólogo. Desse encontro surgem especificidade locais que formam um universo próprio, o campo, por meio do qual os agentes e as instituições inseridas produzem, reproduzem e difundem institucionalidades próprias. Lembramos ainda que se trata de um espaço de relação de forças e como tal, diferentes projetos se apresentam e são reconhecidos e diferenciados de acordo com uma lógica própria disposta no campo. A diversidade de

¹ Figueiredo (2014) apresentou as seguintes matrizes: “nomotética e quantificadora”; “atômica e mecanicista”; “funcionalista e organicista”; “cientificistas”; “românticas e pós românticas”; e as “compreensivas”.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

DEL GOBO, Juliano; VOLPI, José Henrique. A Psicologia Corporal no campo da Psicologia: percepções de profissionais e estudantes sobre abordagens corporais na Psicologia. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

práticas e modelos teóricos coexistindo no campo da psi desafia o entendimento sobre sua lógica organizadora, que permite com que acordos intersubjetivos definam critérios de reconhecimento e valorização de algumas práticas enquanto sobre outras imputam suspeita.

A PSICOLOGIA CORPORAL

O modelo conceitual da Psicologia Corporal foi desenvolvido a partir de teorias, práticas, métodos de investigação e intervenção sobre os organismos e forma uma área própria no campo da Psicologia.

A Psicologia Corporal dedica-se a estudar as manifestações comportamentais e energéticas da mente sobre o corpo e do corpo sobre a mente. É uma abordagem humana que visa compreender todo ser vivo como uma unidade de energia que contém em si dois processos paralelos: o psiquismo (a mente) e o soma (corpo). Tem por objetivo reencontrar a capacidade do ser humano de regular a sua própria energia e, por consequência, seus pensamentos e emoções, oferecendo a ele a oportunidade de alcançar uma vida mais saudável. (VOLPI; VOLPI, 2002, p. 08).

Este modelo tem suas raízes em Wilhelm Reich (1897-1957), cientista vienense e colaborador de Freud que, após apresentar soluções diferente daquelas aceitas na época pela Psicanálise, desenvolveu um trabalho original, baseado no interacionismo psicofísico. “Mente e corpo constituem uma unidade funcional, tendo ao mesmo tempo uma relação antitética. Ambas funcionam segundo leis biológicas. A modificação dessas leis é resultado de influências sociais. A estrutura psicossomática é o resultado de um choque entre as funções sociais e biológicas.” (REICH, 1975, p. 313). A proposta terapêutica de Reich, inicialmente advinda da teoria psicanalítica, encontrou na dimensão orgânica das emoções seu desvio inicial e, ao longo de seu desenvolvimento, interessou-se não apenas pelo adoecimento, mas, sobretudo, pela promoção e manutenção da saúde.

A comprovação da dimensão orgânica das emoções foi precedido por exaustivos experimentos, registro e mensuração dos resultados que indicou que “[...] a excitação sexual proporcionava um aumento da carga elétrica na superfície do corpo, enquanto que as emoções desagradáveis correspondiam a uma retirada da energia elétrica para o interior do corpo” (VOLPI, 2004, p. 05). Nota-se que a relação entre o psíquico e o físico apresentado no trabalho de Reich encontra proximidade com os trabalhos dos primeiros psicólogos experimental que buscavam capturar essa relação por meio de métodos experimentais. No entanto, diferente



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

DEL GOBO, Juliano; VOLPI, José Henrique. A Psicologia Corporal no campo da Psicologia: percepções de profissionais e estudantes sobre abordagens corporais na Psicologia. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

deles, a referência teórica para explicar o funcionamento do organismo foi influenciada pelo vitalismo bergsonian, em oposição ao mecanicismo newtoniano (FIGUEIREDO, 2014). E assim, a proposta reichiana, inicialmente advinda da teoria psicanalítica, encontrou na dimensão orgânica das emoções sua especificidade, utilizou métodos experimentais e a explicação vitalista sobre a realidade encontrada. Reich apresentou mais tarde a mais polêmica de suas descobertas: “A função do orgasmo é a medida do funcionamento psicofísico, porque é nela que se expressa a função da energia biológica.” (REICH, 1975, p. 313).

O arranjo epistemológico desenvolvido por Reich é originalmente complexo, não havendo outra corrente ou matriz do pensamento psicológico que se assemelhe a tal. Para exemplificar tal afirmação, situamos alguns conceitos presentes no conjunto das abordagens corporais que se mostram específicos em relação ao universo das práticas psi. No primeiro conjunto de conceitos estão: a bioenergia; a couraça e o caráter. No segundo conjunto são apresentados as noções de autorregulação e potência orgástica.

A noção de bioenergia tem origem na Psicanálise, segundo a qual: “[...] nas funções mentais, deve-se distinguir algo – uma carga de afeto ou soma de excitação – que possui todas as características de uma quantidade (embora não tenhamos meios de medi-la) passível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se espalha sobre os traços mnêmicos das representações como uma carga elétrica espalhada pela superfície de um corpo” (FREUD, 1986 APUD REGO, 1990, p. 02). Desse conceito inicial, a psicanálise freudiano não aprofundou as bases neurofisiológicas, as quais foram desenvolvidas por Reich, que considerava “[...] o conhecimento das funções emocionais da energia biológica indispensável para a compreensão das suas funções físicas e fisiológicas”. (REICH, 1975, p. 11).

Segundo Rego (1990), as abordagens da Psicologia Corporal concordam sobre a existência da bioenergia e sua interferência na fisiologia e na fisiopatologia do organismo humano; no entanto os conceitos sobre a mesma energia varia entre as abordagens e isto reflete o próprio distanciamento que essas tiveram em relação à obra inicial de Reich. Na abordagem reichiana, a bioenergia é denominada energia orgone e foi concebida como uma energia observável, demonstrável e presente em toda parte. O conceito de bioenergia permeia todas as abordagens corporais e a partir dela que outros conceitos podem ser compreendidos.

Outro conceito fundamental e presente nas abordagens reichianos é o conceito de caráter. Segundo Reich (1979), caráter é o conjunto de reações e hábitos de comportamento que vão sendo adquiridas ao longo da vida e especificam o modo individual de agir de cada pessoa (REICH, 1979). Na clínica reichiana o sintoma perde espaço para uma visão mais



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

DEL GOBO, Juliano; VOLPI, José Henrique. A Psicologia Corporal no campo da Psicologia: percepções de profissionais e estudantes sobre abordagens corporais na Psicologia. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

ampliada do funcionamento do indivíduo e o conceito que permite essa passagem é o conceito de caráter, que busca compreender e analisar o caráter como um todo e não apenas o sintoma isolado. Na terapia reichiana, o trabalho com o caráter ocorre mediante a identificação das expressões e atitudes defensivas do paciente e o confronto verbal sobre elas, alinhado ao trabalho analítico de trazer o inconsciente à consciência por meio da quebra das resistências. Para Reich, é fundamental identificar a primeira resistência, de forma a realizar as interpretações adequadas. “O analista primeiro indica ao paciente que ele resiste, depois o mecanismo de que se serve e em seguida contra o que se dirige a resistência.” (VOLPI, VOLPI, 2004, p. 96). É preciso selecionar e destacar o material que vem de diferentes camadas psíquicas para depois saber quando e o que interpretar. Outra distinção é em relação à importância dada aos lapsos, sonhos, associações em detrimento aos comportamentos, expressões, o olhar, vestuários, aproximação, contato. Para Reich estes elementos são pontos de partida para a Análise do Caráter.

Outro conceito desenvolvido e articulado aos conceitos de bioenergia e caráter é o conceito de couraça. Segundo Reich (1979), a couraça surge em torno do ego e se forma diante das suas exigências de conciliar os interesses pulsionais e a frustração imposta pelo meio social. Segundo Dessaune (2017), a função da couraça é diminuir e/ou bloquear as sensações, sentimentos, pensamentos e suas respectivas expressões, através da absorção e fixação da energia. Na sua forma expressa a couraça apresenta-se em forma de tensão muscular crônica em vários níveis corporais, é expressa ou identificada em atitudes que conferem ao corpo uma linguagem própria, mantendo-se como causa e efeito em boa parte da sintomatologia apresentada pelo paciente (NAVARRO, 1996).

Em se tratando da couraça muscular, Reich (1979) apresentou uma classificação onde mapeou o corpo em sete níveis corporais: olhos, a boca, pescoço, tórax, diafragma, abdômen e a pélvis, a qual foi mantida no trabalho realizado por Navarro, sob os quais a energia deveria circular livremente. Porém, dadas as vivências individuais e coletivas, a energia poderia ficar estagnadas em um ou mais desses segmentos.

Sobre a couraça pode-se trabalhar em algumas abordagens corporais através da intervenção biofísica na couraça muscular. Este trabalho é feito pelo terapeuta reichiano por meio da manipulação das couraças musculares e provoca o aumento da tensão muscular nos segmentos de couraça, e o relaxamento da musculatura após atingir o ponto de máxima entrega. Reich começou a utilizar a massagem em pacientes que apresentavam espasticidade muscular que impedia a livre expressão de uma emoção, onde existe rigidez, existe diminuição



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

DEL GOBO, Juliano; VOLPI, José Henrique. A Psicologia Corporal no campo da Psicologia: percepções de profissionais e estudantes sobre abordagens corporais na Psicologia. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

de movimento. Segundo Dessaune (2017), o objetivo desse trabalho é liberar as emoções fixadas e produzir alteração no fluxo energético e movimento espontâneo na região corporal.

Deste primeiro bloco de conceitos apresentados, há articulação entre eles e juntos conservam uma etapa do pensamento reichiano que envolveu, sobretudo, a transição dos pressupostos freudianos para a abertura de um novo campo de conhecimento que Reich (1975) tinha num primeiro momento a intenção de que fosse considerada uma disciplina a ser ministrada dentro da psicanálise, à qual denominou de Economia Sexual. A sequência da trajetória reichiano se faz a partir da complexa problemática que foi inserir o modelo complexo do vitalismo no interior do conhecimento científica. E o fez abordando um dos principais tabus da sociedade ocidental: a sexualidade; vista e estudada sob o prisma orgástico, isto é, do potencial energético da sexualidade e da vida, não apenas humana, mas de toda a vida biológica que cerca a natureza.

O problema da Economia Sexual indicou que a técnica psicanalítica era insuficiente para fazer o paciente chegar a ter uma vida genital regulada e satisfatória e que seria necessário “[...] uma análise profunda das inibições sexuais enraizadas no caráter” (VOLPI; VOLPI, 2003, p. 93). O problema do ponto de vista econômico das neuroses indicava questões de ordem quantitativa (quanto de libido é contida ou descarregada) e a saída observada foi em relação à vida sexual dos pacientes. Aqueles que passaram pelo processo e estabeleciam uma vida sexual regular não tinham recaídas nos sintomas. Assim, Reich indicou a importância da satisfação sexual genital para a resolução permanente da tensão sexual (reajustamento econômico da libido). Diante desse ponto da construção reichiana, novos contornos ganhavam importância, entre eles os conceitos de Autorregulação e o de Potência Orgástica.

No caminho em direção à descoberta do funcionamento do organismo humano em termos energéticos, Reich observou que de forma natural, os organismos tendem a um padrão de regulação. Ele explicou esse padrão por meio da fórmula: TENSÃO-CARGA-DESCARGA-RELAXAMENTO. Essa fórmula, que ele denominou de fórmula do orgasmo, foi extremamente importante para suas pesquisas e o levaram a conceituar e compreender muitos fenômenos, entre eles: a autorregulação e a autogestão.

A autorregulação é um componente do conceito de saúde presente nas abordagens corporais. Conceito inspirado na biologia, descreve a ideia simples de um sistema organizado autossuficiente que produz e recicla seus próprios componentes diferenciando-se do meio exterior. Esse conceito registra uma base funcionalista e indica a capacidade de adaptação do organismo diante de qualquer alteração das partes que o sustentam. Assim, é vislumbrado a



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

DEL GOBO, Juliano; VOLPI, José Henrique. A Psicologia Corporal no campo da Psicologia: percepções de profissionais e estudantes sobre abordagens corporais na Psicologia. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

presença de um meio interno que permite conceber a manutenção da vida, diante das modificações ambientais para além da superfície observável (FIGUEIREDO, 2014).

Segundo Reich (1927), a proposta da fórmula do orgasmo é alcançar a chamada potência orgástica definida por ele como sendo a “[...] capacidade de atingir uma satisfação de acordo com a estase libidinal do momento; atingir frequentemente essa satisfação, permanecendo pouco sujeito às perturbações da genitalidade” (REICH, 1927, p. 41). Em outras palavras, “[...] é a capacidade de se abandonar, livre de quaisquer inibições, ao fluxo da energia biológica.” (VOLPI; VOLPI, 2003, p. 56). A potência orgástica não pode ser atingida na presença da estase sexual, a qual deve ser entendida como a [...] ancoragem somática da neurose” (VOLPI; VOLPI, 2003, p. 55), resultante do acúmulo e descarga de energia sexual. Conforme apresentamos nos itens anteriores, a couraça impede a livre expressão da motilidade corporal e como consequência diminui a potência sexual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos a distribuição das diferentes práticas pelo campo da Psicologia e observamos a própria dispersão constitutiva desse campo do conhecimento. Abordamos a Psicologia Corporal, com sua forma de conhecer e intervir sobre a realidade, diferenciando-se das demais abordagens e teorias psicológicas. Por fim, utilizamos alguns conceitos da obra reichiana integradas ao conjunto ampliado de abordagens corporais desenvolvidas ao longo do séc. XX para exemplificar a posição da Psicologia Corporal no campo psi. Ao partir de uma tradição não hegemônica na Psicologia, as abordagens corporais são muitas vezes desconhecidas de profissionais e estudantes, ou conhecidas de forma superficial, sobretudo por jargões e polêmicas. Como consequência desse status no campo foi possível inferir sobre a baixa incidência de pesquisas relacionadas às abordagens corporais e ainda sobre a presença de uma resistência estrutural diante desses saberes.

REFERÊNCIAS

ALBERTINI, P. **Wilhelm Reich**: Percurso Histórico e Inserção do Pensamento no Brasil. *Boletim de Psicologia*, 2011, Vol. IXi, Nº 135: 159-176. Acesso em 02/02/2017.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da Ciência**: por uma Sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

DEL GOBO, Juliano; VOLPI, José Henrique. A Psicologia Corporal no campo da Psicologia: percepções de profissionais e estudantes sobre abordagens corporais na Psicologia. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

BOURDIEU, P. **Razões Práticas**. São Paulo: UNESP, 2011.

DEL GOBO, J. As práticas não hegemônicas no campo da Psicologia brasileira. In: MÄDER, B. J. (Org.) **Paradigmas científicos e perspectivas não hegemônicas na Psicologia**, v. 1. 1ª ed. Curitiba: CRP-PR, 2016. p. 51-62.

DESSAUNE, D. **Considerações sobre a técnica de intervenção na couraça muscular**. Disponível em: <<http://www.rubenskignel.com.br/saberemovimento/htm/corpo/a201c.htm>>. Acesso em: 05/02/2017.

FIGUEIREDO, L. C. M.; SANTI, P. L. R. de. **Psicologia**: uma (nova) introdução. 3ª ed. São Paulo: Educ, 2013.

FREIRE, I. R. **Raízes da Psicologia**. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

KAHHALE, E. M. P. **A diversidade da Psicologia**: uma construção teórica. São Paulo: Cortez, 2002.

KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. 10ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

POPPER, K. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Cultrix, 1975.

3

NAVARRO, F. **Somatopsicopatologia**. São Paulo: Summus, 1996.

REICH, W. **A Função do Orgasmo**: problemas econômico-sexuais da energia biológica. 12ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1975.

REICH, W. **Análise do caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

VOLPI, J. H. **Um panorama histórico de Wilhelm Reich**. Curitiba: Centro Reichiano, 2004. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos.htm>. Acesso em: 14/04/2016.

VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. Psicologia Corporal. In: VOLPI, J. H; VOLPI, S. M. **Psicologia Corporal**, v. 02. Curitiba: Centro Reichiano, 2002. p. 08-14.

AUTOR e APRESENTADOR

Juliano Del Gobo / Ponta Grossa / PR / Brasil

Psicólogo, pela Universidade Federal do Paraná. Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Especialista em Psicologia Corporal, Categoria Clínica, pelo Centro Reichiano - Curitiba/PR.

E-mail: jdq.psicologia@gmail.com



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

DEL GOBO, Juliano; VOLPI, José Henrique. A Psicologia Corporal no campo da Psicologia: percepções de profissionais e estudantes sobre abordagens corporais na Psicologia. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

ORIENTADOR

José Henrique Volpi / Curitiba / PR / Brasil

Psicólogo (CRP-08/3685), Analista Reichiano, Especialista em Psicologia Clínica, Anátomo-Fisiologia, Hipnose Eriksoniana e Psicodrama. Mestre em Psicologia da Saúde (UMESP), Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento (UFPR). Diretor do Centro Reichiano-Curitiba/PR.

E-mail: volpi@centroreichiano.com.br